

Daina Leyton é educadora, psicóloga e professora convidada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente coordena o educativo do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Desde 1999 desenvolve projetos culturais para públicos diversos que buscam a sensibilização e a tomada de consciência para uma vida em uma sociedade pluralista. Em **2010** idealizou e instituiu a área de **Acessibilidade** no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que cuida para que o museu seja um espaço sem barreiras físicas, sensoriais, intelectuais ou simbólicas. Orientou o desenvolvimento e a implantação de uma política transversal no museu, na qual pessoas com deficiência não são apenas frequentadores do museu, e sim seus protagonistas, o que acarretou, por exemplo, a contratação de professores, educadores e outros funcionários dentro do perfil da acessibilidade.

Qual é o papel da arte na educação de um aluno?

Apesar da arte remeter muitas vezes apenas à produção de objetos para serem expostos e comercializados, as manifestações artísticas permitem imaginar o possível e o impossível, e transcendem à mera materialidade das obras, podendo afetar a cultura e a sociedade. O contato com o história da arte permite que os alunos estudem diversos testemunhos e expressões de diferentes épocas, de acordo com seus contextos sociais e políticos. A arte na educação de um aluno contribui assim para o desenvolvimento de um olhar sensível e crítico sobre como a realidade se apresenta e como é possível intervir nela.

A exposição “Educação como matéria-prima” marca os 20 anos do setor Educativo do MAM. Em uma retrospectiva, o que você acha que mudou durante esse tempo, em relação a museu e educação?

Nessas duas décadas de existência do Educativo MAM, significativas conquistas e mudanças de paradigmas aconteceram. Sintetizá-las aqui seria um exercício complexo, com grande risco de minimizá-las. Posso citar então algumas com o intuito de compartilhar o que aprendemos nesses anos sobre as potências e as necessidades para que as ações educativas de espaços culturais atuem em prol dos direitos humanos e possam contribuir para a permanente construção de uma sociedade pluralista.

Entre outras realizações, o Educativo MAM passou a receber de forma continuada o público de saúde mental, incluindo moradores de longa data de hospitais psiquiátricos, que puderam retomar seus vínculos sociais e desenvolver pesquisas de criação artística que renderam premiações, além de novas oportunidades de estudo e trabalho. A equipe do museu tem hoje a consciência de quão amplas são as possibilidades quando suspendemos estigmas e preconceitos e trabalhamos a multiplicidade de forma sensível e ampliada.

Por conta da experiência de formação de jovens educadores surdos, iniciada em 2002, hoje existe o acesso da comunidade surda em sua língua primeira – a Língua Brasileira de Sinais (Libras) – a diversas instituições culturais, onde alunos que passaram por essa formação no MAM atualmente trabalham. A Língua Brasileira de Sinais integra a programação do MAM com visitas mediadas, narrações de histórias, cursos, exibição de documentários, espetáculos musicais, saraus e a festa multissensorial *Sencity no MAM*.

Para o público cego e com deficiência visual, a fruição artística se dá por meio da exploração sensorial e da audiodescrição. A cada nova exposição, entramos em contato com os colecionadores ou acervos dos quais procedem as obras a serem expostas e pedimos a liberação do toque para esse público específico, possibilidade que é sempre bem recebida e sensibiliza outras instâncias do circuito de exposições de artes visuais. O professor cego Rogério Ratão medeia visitas sensoriais, além de ministrar cursos de artes no MAM que aguçam a percepção dos participantes ao propor o desafio de criar esculturas e instalações, a partir do equilíbrio e da proporção de seus próprios corpos, sem depender de referenciais visuais.

Assim é o cotidiano do MAM: crianças exploram possibilidades de criação que respeitam sua temporalidade e seus interesses; visitantes com comprometimentos motores realizam práticas artísticas diversas; alunos com autismo idealizam e coordenam performances e têm no museu uma referência em seu cotidiano; jovens em situação de vulnerabilidade social debatem temas como feminismo, redução de danos, violência, *bullying*, cultura LGBT, redes sociais, entre outros, além de trazer temáticas de seu interesse em apresentações em diversas linguagens expressivas para o público do Parque do Ibirapuera.

Para que impactos sociais dessa natureza sejam possíveis, a autonomia de criação e o exercício de liberdade experimental são fundamentais. Cada educador da equipe do MAM é pesquisador e criador. O que move e alimenta seus interesses e investigações é o combustível das atividades propostas ao público, que denominamos *experiências poéticas*. A vivência e o relacionamento dos educadores com o público geral, a equipe do museu e os artistas são material de uma constante reflexão sobre suas ações, o que propicia a ampliação da consciência sobre seu trabalho e atuação no mundo. Para a exposição que celebra esses percursos, as obras foram concebidas por artistas convidados em parceria com a equipe do Educativo MAM. Sendo a *educação* nossa *matéria-prima*, aqui as obras são *experiências poéticas* e *experiências poéticas* são obras. A atuação das pessoas também se torna obra, pois todos os educadores do museu trabalham no espaço expositivo em contato permanente com o público.

Como um espaço que tem como missão fundamental a educação, hoje nos é claro que devemos garantir que todos os perfis de público se sintam realmente pertencentes a esse espaço. A prioridade e o objetivo aqui são as possibilidades de impacto e transformação social.

Toda exposição artística tem seu viés pedagógico?

Não posso afirmar que sim, mas deveria. O que posso dizer é que toda exposição artística tem um potencial pedagógico e deve existir uma permanente reflexão sobre como cada mostra pode gerar a construção de sentido e a tomada de consciência.

Nos programas educativos do MAM, realizados para públicos diversos, diálogos e práticas que acontecem no contato com a arte desenvolvem o olhar sensível e a reflexão crítica sobre diferentes questões do cotidiano, levando os participantes a se perguntarem se o modo como as coisas estão configuradas está de acordo com os seus desejos e sentimentos, ou seja, se lhes faz sentido. Essa investigação torna possível a

tomada de consciência para, então, atuar nessa realidade. Se compreendemos a arte como uma forma de resolver e de formular problemas, e buscarmos que os visitantes reflitam sobre quais problema seriam, fomentamos uma interpretação ativa na qual os participantes podem conectar essas questões com a sua realidade e repertório e construir novos conhecimentos e sentidos.

Ensinar é uma arte?

Para responder a essa pergunta tomo aqui emprestada uma reflexão do artista e pedagogo uruguaio Luis Camnitzer, que tem obras nesta exposição, que diz que “a educação que não é criativa é má educação e a criação que não é educativa é má criação”. O trabalho dos professores é sim uma ação criativa, independente do campo de conhecimento que trabalha.

Qual é a melhor forma de tornar uma visita ao museu um momento educativo?

Os educadores que recebem grupos de visitantes em museus devem ter clareza do que se busca com cada visita mediada: proporcionar uma reflexão sobre as obras e a exposição com as quais estão em contato, investigando quais são as possíveis questões a que elas vêm responder. O diálogo desencadeado com os participantes deve levar em conta o seu repertório e seus interesses, conectando com os motes que determinado contexto expositivo traz, visando a uma construção de sentido e tomada de consciência.

Não há nada menos pedagógico em museus do que visitas puramente informativas, em que o “guia” traz sucessivas explicações e os visitantes são compreendidos como recipientes a serem preenchidos de informações.

É necessário estar atento ao perfil de cada grupo de visitantes e seus interesses. Há grupos que já estudam e são familiarizados com os assuntos das exposições e podem sim demandar visita com mais explicações e conteúdos.

As informações sobre o contexto das obras e da proposta curatorial devem ser trazidas com o intuito de possibilitar, como já foi citado aqui, que os visitantes possam ver uma obra de arte como uma possível forma de um problema. O educador deve fomentar uma análise crítica nesse processo de construção de sentido. Cito aqui Barbara Jimenez, educadora de nossa equipe:

“A visita é uma **oportunidade**; uma *brecha* no tempo; uma possibilidade com potencial transformador, pois ela traz uma proximidade, de quase toque, ao que lhes é novo. Transformações *não são apenas* gigantescas, integrais ou metamórficas. Mas podem ter um tamanho invisível a olho nu e *primordial* visto no tempo.” Barbara Jimenez – educadora do MAM.

Um tempo de silêncio e de fruição autônoma, onde cada aluno pode observar a exposição e depois retornar ao coletivo para compartilhar impressões e percepções.

“A visita é um disparador para essas transformações. A visita pode/deve/vai criar novas formas de ser e estar para o grupo.

O educador *não tem* a obrigação ou o dever de medir, provar, constatar essas transformações, não.

O educador deve estar apenas *consciente* desse potencial. Deve ter em mente que aquela visita é *única* para aquele grupo. Mesmo que pareça ser mais uma de muitas para si – o que também não é.

E por fim, deve também estar consciente de que aquele grupo tem uma *história*.

O programa de visitação não tem que ser, oficialmente, um transformador de vidas. Mas deve dar liberdade e *estrutura* para aqueles que ali atuam fazerem o seu melhor.

O programa de visitação não pode se engessar em modelos e fórmulas, pois cada momento-visita demandará um novo olhar.”

Mesmo as bases fundadoras e os alicerces que são tão *essenciais* para o programa existir devem periodicamente ser *reinventados*.

E que os responsáveis por isso se esforcem para enxergar as novas *invenções*. Pois, por mais que os alicerces “*funcionem*”, o mundo gira, as histórias se multiplicam, as gerações criam “novas demandas”.